

## **Encontro, deslocamento, processo e experiência no Instituto Inhotim**

**Janaina Melo<sup>1</sup>**

Instituto Cultural Inhotim – Minas Gerais

No livro *A arte como experiência* o filósofo americano John Dewey destaca que experiência em arte é o resultado, o signo e a recompensa de uma interação. Interação entre organismos e ambientes, entre pessoas, lugares e coisas (DEWEY, 2008, 67). Nas práticas educativas do Instituto Inhotim acolhe-se a experiência como fundamento para processo de mediação, situação e lugar possível para estabelecer relações entre arte e educação, elemento que instaura no museu ambientes necessários e favoráveis à experiência na sua potencia e excepcionalidade.

Experiência em arte e educação se constrói num processo de troca, contato e relação. Através da experiência como podemos construir num museu o lugar a educação? Para profissionais que atuam num museu como Inhotim esta indagação é recorrente e, associadas à multiplicidade de relações que se dão no contato do educador com o público, a ação de arte e educação oferece-se como campo privilegiado para a percepção e compreensão da potencialidade das obras de arte e dos ambientes criados pelos enunciados artísticos.

Estou particularmente convencida que num lugar como Inhotim é essencial instaurar ambientes de encontro que oportunizem a plena experiência e o aprofundamento das reflexões acerca dos contextos específicos da produção contemporânea. Partimos na mediação no Inhotim do pressuposto que o saber é constituído por conhecimentos e vivências que se entrelaçam e que o educador e o visitante são detentores de experiências próprias, que devem ser compartilhadas no processo de mediação. Buscamos para isso estratégias que promovam experiências, assim no plural, que

---

<sup>1</sup> Janaina Melo é historiadora com atuação na área de curadoria, pesquisa, crítica e ensino de arte. É coordenadora de Arte e Educação do Instituto Inhotim.

englobem o conjunto de fatos que compreende conceitos/palavras como: acolhimento, encontro, estação e deslocamento. Na nossa prática educativa relacionamos esses e outros conceitos/palavras a momentos decisivos da mediação em que todos os elementos confluem para e por uma percepção cujo resultado é uma experiência única e com caráter essencialmente coletivo. Digo única e coletiva porque se materializar naquilo que é próprio de cada indivíduo em ação. Educador de museus, professor, aluno, visitante a partir da realidade vivida como indivíduo ou grupo constitui relações não apenas com o museu e seu acervo, mas também com o que já possuo, sou, vivo e compartilho com o outro e com o mundo.

Num programa educativo que atuam por meio da experiência oportunizada pelo encontro faz-se necessário um esforço para mudança de lugar. Pois nessa metodologia nos permitimos demorar mais na experiência e construir a partir dela as fundamentações dos programas e das pesquisas. Enfatiza a experiência e a liberdade como base educativa é compreender que a possibilidade de educação encontra-se no lugar de escuta, nessa metodologia cabe ao educador perceber os diferentes sons, desejos e impressões. Para, a partir dessa percepção, instaurar ambientes de mediação constituído por um discurso aberto, polifônico e acolhedor, atravessado por diferentes estímulos e recheado de emoções e sensações. Isso significa operar na mediação não na decodificação ou informação sobre arte, mas na própria ação de experimentar e perceber, no contato e encontro com a obra de arte e, como nesse encontro, podem-se estabelecer plataformas e ambiente de convívio e formação. Acredito que, nesse caso, a mediação atua principalmente com o prazer ou porque não desprazer como critério principal e muitas vezes único. “Com efeito, pode-se dizer que um discurso se torna de fato realidade poética na e pela leitura que é praticada por tal indivíduo (...) mais do que falar, em termos universais, da recepção do texto poético, remeterá, concretamente, a um texto percebido e recebido como poético.” (ZUMTHOR, 2007, p.25)

Certamente devemos observar que existem outros critérios e elementos informativos que levam a experiência e que a informação é sem dúvida peça essencial na instauração de uma experiência educativa. Mas acredito que ela não deve ser o ponto de partida, ao contrário, deve ser introduzida na medida em que cada situação solicita de acordo e em função do tempo, do lugar e da ação. “Uma forma não fixa nem estável, uma forma-força, um dinamismo formalizado, uma forma finalizadora (...) a forma não é regida pela regra, ela é a regra. Uma regra a todo instante recriada, existindo apenas na paixão do homem que, a todo instante, adere a ela, num encontro luminoso.” (ZUMTHOR, 2007, p.29)

Sendo esse o ponto de partida da mediação no Instituto Inhotim – a percepção do quão importante é a potência de relações possíveis que se dá através da troca e do ambiente experiencial focado –, é que torna para nós, possível iniciar a construção de significados educativos.

Diante desse desafio e em consonância com as obras que compõem o acervo do Instituto, os programas educativos demandam a organização de ações que, embora formuladas como programas específicos, atuam em sinergia e com uma diretriz educativa comum. Preferimos na nossa experiência usar uma terminologia que preserve a potência dos lugares de fala: arte e educação. Assim juntos, não como a instauração de um campo em separado, mas como ponte, lugar de encontro, de presença, de contato para a elaboração de múltiplas oportunidades educativas. Pensar na prática de mediação e no papel do educador como o agente que instaura um lugar de convivência, território híbrido e capaz de ativar diferentes formas de diálogo entre afetos, lugares e enunciações.

### **Descentralizando o Acesso um lugar de encontro**

Em 2008 o Instituto Inhotim criou o projeto Descentralizando o Acesso tinha como objetivo principal desenvolver um programa especial de visitas escolares associado a formação de professores do Ensino Fundamental e Médio, das redes públicas de

ensino do município de Brumadinho (MG) e de municípios vizinhos – Mário Campos, Sarzedo, Ibirité, Igarapé, São Joaquim de Bicas, Bonfim, Itaguara, Piedade dos Gerais, Rio Manso, Itatiaiuçu, Crucilândia e Moeda.

A proposta consistiu na realização de visitas orientadas ao Instituto Inhotim para alunos das escolas e a realização de dois encontros de formação para professores. Esse programa serviu como base para a preparação das visitas escolares e para o desenvolvimento de ações, pesquisas e projetos que pudessem acontecer na escola tanto antes dos alunos visitarem Inhotim, em atividades preparatória que denominados como pré-visita, quanto após a visita como espaço de aprofundamento de questões que tenham sido de interesse do grupo (professores e alunos) no que chamamos de pós-visita.

Como desdobramentos dessa experiência – visita e formação de professores – esperávamos que as escolas, os professores e os alunos participantes pudessem construir estratégias próprias de apropriação e desdobramentos da experiência com o acervo de arte contemporânea em ações educativas dentro e fora da escola.

Para isso nosso maior desafio era promover uma formação de professores que atuasse como um convite a experiência e oferecesse ao professor a oportunidade de aproximação e apropriação do acervo de arte como agente articulador de estratégias educativas que fossem para além do ambiente do museu e contaminasse a escola e por que não sua prática educativa. Fazer esse convite ao professor significava para nós reconhecer que esse território, o ambiente escolar, a sala de aula é demasiado importante para a constituição de uma efetiva experiência e que não bastava apenas apresentar o acervo a professores e alunos mas, era necessário construir uma ambiência favorável a apropriação do museu e seu acervo, nas ações e práticas desenvolvidas na escola. Organizamos para isso uma formação constituída por dois encontros de oito horas de duração e desenvolvemos uma metodologia especial que inverteu os lugares de fala e convidou o professor a criar a partir de dois pontos base: sua experiência prévia em sala de aula e sua experiência no Inhotim.

Na formação o primeiro encontro sempre acontece no Inhotim e antecede a visita dos alunos. Nesse encontro professores e educadores da instituição passam por quatro momentos principais:

Primeiro momento – **Visita orientada:** durante a visita conduzida pelos educadores do Inhotim, os professores são estimulados a observar e anotar palavras que expressem sensações e percepções vivenciadas durante o trajeto.

Segundo momento – **Compartilhando palavras:** A percepção individual sobre a visita é socializada pelo grupo e, a partir das palavras e dos elementos anotados, são definidos os temas que devem orientar os próximos momentos do encontro.

Terceiro Momento – **Pesquisa de Campo:** Organizados em grupos e dispostos de câmeras fotográficas, os professores saem pelo Instituto, registrando cenas que se relacionam com os conceitos e temas identificados nas palavras anotadas. Nesse processo os registros fotográficos dão origem a construção de um banco de imagens e a roteiros de visita que auxiliam o professor a elaborar roteiros, pontos de parada, lugares de experiência para o desenvolvimento de práticas artísticas na Escola, antes e depois de realizar a visita ao Instituto Inhotim.

Quarto Momento – **Criando novos roteiros:** Tomando o mapa do Inhotim como suporte, os professores desenham os trajetos que realizam durante a produção das imagens. Os roteiros compartilhados com o grupo evidenciam os múltiplos percursos e possibilidades apreendidas durante a visita que podem se transformar em elementos também articuladores de práticas educativas.

O segundo encontro do programa acontecesse na cidade pólo, nesse sentido introduzimos o deslocamento da equipe de arte e educação do Instituto vai para a cidade construir com os professores dentro da escola. Reconhecemos e vivenciamos nesse deslocamento o tempo e o percurso, as especificidades do ambiente escolar, a paisagem do entorno da escola, a experiência da cidade. Nosso convite é para o diálogo e uma vez que convidamos professores para visitar e conhecer a nossa instituição era importante também que nós educadores também conhecêssemos as

escola e localidades. Nesse encontro segundo o dia organiza-se a partir de três os momentos principais:

**Primeiro Momento – Retomada:** Os temas e roteiros elaborados no encontro anterior são retomados valendo-se de uma análise coletiva das palavras-chave, dos trajetos desenhados sobre os mapas e dos conjuntos de imagens gerados pelos professores.

**Segundo Momento – Investigação:** Baseando-se na análise do material construído durante o primeiro encontro, inicia-se uma discussão sobre a importância da realização de atividades de pré-visita com os alunos. Nesse momento os professores elaboram roteiros para as visitas dos alunos, com base nas experiências vivenciadas na cidade, no museu, na escola e na sala de aula.

**Terceiro Momento – Proposição:** Conduzidas dinâmicas para pensar na elaboração de atividades que podem gerar resultados tanto durante a visita dos alunos, quanto em desdobramentos futuros no ambiente escolar.

Após o programa de formação iniciam-se as visitas orientadas com os alunos que acompanhados pelos professores realizam visitas que são partes integrantes de pesquisas e propostas do professor muitas vezes já em andamento na escola. A visita se torna espaço para consulta e coleta de informações, “laboratório” de experimentação de práticas educativas já previamente vivenciadas na sala de aula frutos das escolhas coletivas e da multiplicidade de acessos.

A última etapa do programa consiste em acompanhar as atividades de desdobramento que acontecem na escola. Nessa etapa os educadores vão novamente até as escolas para acompanhar atividades realizadas pelos professores com os alunos. Nessas visitas realizam entrevistas com professores, produzem registros fotográficos, participam de feiras e outros eventos culturais desenvolvidos pelas escolas. O que percebemos nesse programa de mediação foi exatamente a oportunidade de instaurar um lugar de continuada transformação da relação entre arte e educação. Transformação mesmo do próprio roteiro ou planejamento pré-definido pelo professor como destaca Ivana Ferreira dos Reis professora atuante na cidade de Mário Campos:

*Os alunos desenvolveram a atividade e no meu planejamento tinha como referência a obra de Navin Rawanchaikul e Rirkrit Tiravanija. Eu imaginava que essa seria somente uma atividade preparatória para a visita, mas quando chegamos a Inhotim com os alunos, entramos numa galeria e eles viram as obras dos artistas John Ahearn e Rigoberto Torres imediatamente me falaram: “ah tia, você copiou a idéia deles”. Mas para a minha surpresa falavam de outro trabalho que eu não conhecia, pois, não havia visto aquela galeria durante a formação. E a partir daí nossa atividade ganhou novo impulso. Nós voltamos para a escola e em sala de aula demos continuidade ao painel, agora com uma idéia bem mais clara daquilo que estávamos fazendo, porque eles viram que alguém já tinha representado a história de um lugar por meio de um painel, exatamente como estávamos fazendo. O trabalho foi mais valorizado pelo grupo. (Caderno Educativo, 2010)*

Com a metodologia utilizada no programa, percebemos que ampliamos na verdade o nosso acesso, como educadores de uma instituição museológica, a estratégias e ações educativas desenvolvida por professores nas escolas públicas urbanas e rurais. Aproximando o museu da escola criamos um espaço onde apreendemos proposições e ações inovadoras no trabalho com o acervo, descobrimos com as experiências desenvolvidas pelos professores nas escolas como é possível aproximar de múltiplas maneiras a arte contemporânea.

Nesse processo reconhecemos que na prática educativa tanto do educar de museus quanto do professor experimentar leva a conhecer e conhecer traz a possibilidade de re-inventar e transformar. Penso que uma experiência ativa e participativa é o que permite desenvolver na educação novas formas de ver e pensar o mundo. Deslocar um objeto, intervir num espaço e promover a participação, são questões-chaves da pesquisa realizada nos programas educativos desenvolvidos pelo Instituto Inhotim.

Convidar o público para propor questões e, através de ferramentas distintas chegar a respostas que na verdade já anunciam se desde o início como novas perguntas.

**Referências bibliográficas:**

DEWEY, John. *El arte como experiencia*. Barcelona: Paidós, 2008.

MOURA, Rodrigo; PEDROSA, Adriano (org.). *Através: Centro de Arte Contemporânea Inhotim*. Brumadinho: Instituto Inhotim, 2008.

*Descentralizando o acesso: visitas escolares a Inhotim. Caderno Educativo 1 e 2*. Brumadinho: Instituto Inhotim, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. São Paulo: EXO experimental; Editora 34, 2005.

ZUNTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.